



Conversatório 4: Mulheres e as Tecnologias na Agroecologia

Elizabeth Maria Cardoso Possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Seropédica - 1995); Máster Universitario en Agroecología: Un Enfoque Sustentable de la Agricultura Ecológica pela Universidad Internacional de Andalucía (Baeza - 2017). Desde julho de 2017 é estudante do Doctorado en Recursos Naturales y Gestión Sostenible - IDEP - Instituto de Estudios de Postgrado na Universidad de Córdoba na Linha de Pesquisa: Biodiversidade e Agroecologia. Desde setembro de 2000 é da equipe técnica do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata - CTA/ZM. Atualmente é coordenadora técnica do CTA/ZM, coordenadora do Programa Mulheres e Agroecologia do CTA/ZM e coordenadora do Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia - GT Mulheres da ANA.

Estou muito feliz de estar aqui, discutindo esse tema tão caro para todas nós, mostrando que a gente está aqui, em pé e resistindo. A Bel já me apresentou, mas queria dizer que sou meio xará da Irene Maria Cardoso, sou Elisabeth Maria Cardoso, temos nomes parecidos e moramos na mesma cidade. Também temos uma proximidade ideológica, e mesmo não tendo combinado, pegamos nesse ponto de partida para continuar a reflexão das tecnologias para mulheres.

Foi interessante Irene falar da ideologia que invisibiliza os povos, pois na verdade, ela é irmã da ideologia que invisibiliza as mulheres. Uma coisa que nós feministas sempre falamos é que se a gente quiser romper com o capitalismo temos que romper com o machismo e o patriarcado, porque eles dão sustentação ao modelo capitalista.

O ponto de partida que quero pegar é essa invisibilização do papel das mulheres como agricultoras. A gente reflete muito no coletivo, principalmente no GT de Mulheres da ANA, onde temos agricultoras, técnicas e pesquisadoras - todas ativistas - e todas nós dialogando e construindo conhecimentos cada vez mais aprofundados em relação ao modo de produção das mulheres, a renda produzida por elas e o trabalho delas. A gente percebe cada vez mais que essa invisibilização do papel das mulheres, além de não reconhecer, não remunera e traz prejuízos às mulheres.

Pensando na questão das mulheres e as tecnologias, quando a Irene coloca que “a tecnologia é o conhecimento aplicado para melhorar a vida”, e quando a gente vai olhar para as tecnologias que as

mulheres usam - as agricultoras familiares tradicionais e camponesas -, são todas tecnologias de baixo investimento, porque como a Irene colocou, também vejo a tecnologia num conceito mais amplo: a gente pode ter uma agricultora que usa mini-tractor na horta, que é uma tecnologia, mas também pode usar um sistema agroflorestal, que é uma tecnologia de manejo de agroecossistema, ou uma tecnologia social. Quando olhamos as tecnologias que as mulheres e homens dominam, existe uma diferença nos valores, por exemplo, as tecnologias que as mulheres têm acesso, são infinitamente mais baratas que as que os homens estão acessando.

Quando você vai no quintal das mulheres, o que elas estão usando é cobertura morta, compostagem, biofertilizantes, adubação orgânica com restos de comida, e produção de sementes crioulas. Agora, pensando nos territórios da agricultura familiar, por exemplo, no Rio Grande do Sul, onde você tem mais tecnificação na agricultura, quando um agricultor familiar tem um trator, dificilmente é a mulher que maneja.

Tem uma coisa que a gente já viu várias vezes acontecer, quando chegamos numa propriedade onde tem uma mulher manejando a enxada, enquanto o homem está manejando a roçadeira, a gente pergunta: “Por que ela não está usando a roçadeira?” Eles respondem: “Porque a roçadeira é muito pesada”. Essa é a lógica da sociedade e dos homens – o mais pesado o homem que maneja. Mas sabemos que é infinitamente mais pesado você manejar a enxada. Imagina a força física de fazer o movimento da enxada embaixo do sol quente? É muito diferente de ficar sem nem mover os braços com uma roçadeira.

Assim como tem uma divisão sexual do trabalho, também tem uma divisão sexual das tecnologias aplicadas ao trabalho, onde é colocado a enxada como uma ferramenta para mulheres e roçadeiras para homens. Mas sabe-se que as mulheres são guardiãs das sementes e desenvolveram diversas tecnologias de seleção de sementes, armazenamento e reprodução, e isso não custa quase nada quando comparada às tecnologias utilizadas pelos homens. É interessante a gente refletir sobre isso.

E olhando pelo campo da agroecologia, nem sempre o que é mais caro é melhor para a agroecologia, e o que ela preza é o oposto disso, no caso, a gente economiza os recursos, como não jogar tanto lixo fora. O interessante na agroecologia está muito mais próximo das tecnologias que as mulheres manejam do que as dos homens, que são os tratores, colheitadeiras, ordenhadeiras automáticas na produção leiteira, quando é mais comum as mulheres ordenharem quando o sistema é manual.

A gente que está construindo a agroecologia, refletindo e pesquisando, tem que prestar atenção nas tecnologias utilizadas pelas mulheres, porque a gente tem percebido, através de uma tecnologia que foi criada junto com as mulheres, que é a Caderneta Agroecológica, que, o uso desse instrumento de monitoramento da renda e da produção das mulheres revela que as mulheres estão produzindo alimentos. Já conversamos muito sobre a Caderneta Agroecológica e sua importância, bem como o papel das mulheres na produção de alimentos para o autoconsumo, venda, troca e doação, onde fica

claro sobre o quanto tem de diversidade no cultivo das mulheres e isso é o que mais chama atenção quando olhamos para a Caderneta. A gente fala muito sobre renda, mas o que “salta aos olhos” é a variedade de espécies e plantas e animais que as mulheres mantêm nos seus quintais. A Irene costuma contar que quando ela fez uma oficina de solos, junto à agricultores(as) familiares, ela fez análise de solos manejados por mulheres e solos manejados por homens, separado, onde ela percebeu que o solo das mulheres era mais férteis e vinha dos quintais. Quando ela mostrou isso, um agricultor perguntou se a agroecologia tem que ser, então, um grande quintal, e ela respondeu que sim. Porque eu acho que a biodiversidade que existe no quintal, a reciclagem de nutrientes, o reaproveitamento do lixo de cozinha e adubos orgânicos, como cocô de galinha, a biomassa que se forma com os restos vegetais de capinas, que faz a cobertura morta, isso tudo enriquece o solo, e a diversidade que está presente também contribui nesses aspectos que são importantes para a agroecologia. Então acho que a gente precisa refletir e pesquisar mais as mulheres.

Eu, por exemplo, sou extensionista, comecei a fazer pesquisa e entrei na academia justamente pela ausência de pesquisa sobre coisas que a gente estava começando a perceber naquele momento. Ainda hoje tem poucas mulheres pesquisando agroecologia e feminismo ou mulheres e agroecologia ou as relações de gênero na agroecologia, e nós temos grandes cientistas mulheres que cada vez mais percebem isso, eu cito sempre a Irene como exemplo, como ela começou a olhar para as mulheres a ponto de chegar toda empolgada pra mim e dizer que o solo das mulheres é mais fértil que o dos homens. A ciência do solo pra mim é um modelo de como a gente consegue ver as diferenças do quanto as mulheres estão mais integradas à agroecologia, mesmo sendo as que menos recebem apoio e incentivos, como assistência técnica, financiamentos, créditos, apoio para comercialização, ou seja, com muito menos, elas estão fazendo muito mais para o sistema agroecológico, levando segurança e soberania alimentar para as famílias e principalmente saúde, pois, pensar o bem estar, orienta as mulheres nas escolhas de tecnologias da agricultura.

Eu queria trazer reflexões e acho importante dizer que a origem dessas desigualdades que passamos hoje está na divisão sexual do trabalho, as mesmas cientistas pensadoras que começam a falar de gênero são ainda base de referência para reflexões que fazemos sobre as tecnologias. Hoje, a pesquisa das Cadernetas Agroecológicas e o acompanhamento e sistematização das experiências protagonizadas por mulheres - que a gente fez, eu e Vanessa Schottz, quando percorremos o Brasil, sistematizando com as mulheres suas experiências - nos mostra que nosso “farol” são as mulheres. Eu digo isso, tanto para o movimento agroecológico, quanto para a área da pesquisa e, principalmente, as organizações que estão fazendo ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural, porque a gente precisa fazer uma ATER específica para as mulheres, tem que trazer os temas das mulheres e não encaixá-las dentro do que são as demandas dos homens, porque assim a gente não fortalece os processos agroecológicos nos territórios.

Dá para trazer alguns exemplos, tem um que é antigo que eu sempre relaciono à ATER, mas hoje quero trazer para a tecnologia, por entender o SAF – Sistema Agroflorestal como uma tecnologia.

Uns anos atrás, estávamos eu e Liliam Telles visitando uma experiência de Sistemas Agroflorestais, no extremo sul da Bahia, acompanhada por uma organização parceira nossa e, também, pelo PDA/Ministério do Meio Ambiente. A experiência era um SAF “delicioso”, que estava produzindo muitas frutas que eles comercializavam para uma sorveteria em Prado (BA), uma cidade turística, então eles conseguiam escoar toda a produção. Percebemos que o homem estava “puxando a fileira” relatando tudo para os técnicos do PDA e a mulher sempre calada. Isso estava incomodando eu e a Liliam e pensamos em conversar com ela, perguntar alguma coisa para ver o que ela falava. E a Liliam perguntou: “Se você fosse começar isso de novo, o que você faria?” A resposta dela foi surpreendente, ela disse: “Faria não, fiz. Porque essa aqui é a segunda iniciativa”. A primeira foi com recurso do INCRA que na época veio pelo PROCERA para fazer o SAF. O marido dela era uma liderança que viajava muito e ela com filhos pequenos, então ele que foi nas reuniões, participou da decisão da localização do SAF e resolveu que ia ser na capoeira. Ele continuou viajando muito, ela cuidando das crianças não conseguia ir molhar as mudas e com isso perderam todas as plantas do primeiro SAF. A partir de um recurso do PDA, tiveram a oportunidade de recomeçar o SAF. Para essa segunda tentativa o marido chegou pra esposa e perguntou se achava bom tentar de novo e ela respondeu que sim, mas dessa vez ela escolheria onde seria instalado o SAF. Ela escolheu do lado de casa perto da porta da cozinha, porque ficava perto e ela já estava acostumada a cuidar do quintal para produção de autoconsumo da família – como a maioria das mulheres fazem, então ficava mais fácil para molhar as mudas do SAF e fazer os manejos. Então aquela segunda experiência que deu certo, a que a gente estava vendo ali e achando lindo, também foi uma experiência da mulher. No caso da primeira, o homem tomou as decisões, mas não foi ele quem cuidou (nem ela), por isso tudo se perdeu e acabou não funcionando.

Estou trazendo essa experiência para falar sobre as desigualdades de acesso às tecnologias porque, apesar de no sistema agroflorestal a gente estar falando de manejo, não de coisas que tem que comprar, de um tempo pra cá, o SAF começa a ser moda, aparece na novela, gente com mais dinheiro está fazendo, não é mais uma coisa de pobre. Mas, o SAF que é uma criação indígena, ancestral e nada tem a ver com o capital, mas que está sendo apropriado, e algumas vezes as instituições têm ganhando destaque com essa prática, conseguem captar recursos, e é comum nesses casos contratarem homens. Por mais que a gente saiba que o modo de produção das mulheres se assemelha mais ao SAF do que o dos homens. As mulheres plantam misturado, tem até um ditado que diz: “Isso tá tão bagunçado como horta de mulher” – porque sempre fizeram assim, sempre na lógica de um pouco de tudo. Porque ter comida para o autoconsumo é a lógica que orienta a produção das mulheres. Ela tem que ter um pouco de couve, taioba, almeirão porque ela precisa de verdura todo dia, e não vai comer a mesma coisa todo dia, e nessa lógica está relacionada a diversidade de feijões, milho, porque ela entende que tem que ter um pouco de cada e a família consome diferentes tipos de feijões. Então essa lógica de misturar variedades, espécies no mesmo lugar, criar galinhas junto com horta, produzir adubo orgânico, isso é

mais parecido com o sistema agroflorestal do que a produção de monoculturas que é a tecnologia apropriada pelo universo masculino e que precisa de mais investimento financeiro.

Posso dizer que dentro da divisão sexual do trabalho “sobrou” para as mulheres o trabalho do cuidado, onde elas trabalham, mas não são remuneradas. Um trabalho extremamente importante, pois garante a reprodução da vida, mas é um trabalho que não é valorizado, ao contrário, é o mais desvalorizado que existe, tanto que é feito de graça, na maioria das vezes, pelas mulheres.

Por essa condição na sociedade, percebemos que as mulheres têm formas diferentes de produção e pensamento. Não sei dizer qual a origem, não sei se é porque as mulheres tiveram menos acesso à tecnologias de maior investimento e elas aplicam as tecnologias que acessam (as de menor investimento) ou se essas tecnologias de menor investimento, que são mais valorizadas na agroecologia, têm origem no modo de produção das mulheres. Essa é uma questão que temos que refletir e, quando pensamos isso, facilmente podemos afirmar: “a agricultura foi criada pelas mulheres” e dá pra pensar isso facilmente, no tempo das cavernas, quando as pessoas eram nômades, e as mulheres tinham que ficar paradas por ali, principalmente pra cuidar dos filhos após os partos, por alguns meses, e percebiam as sementes brotar e viam que da semente nasce o fruto e que poderiam reproduzir a partir da semente. Isso nos traz outra questão: Quando a agricultura deixou de ser um trabalho das mulheres? Porque a gente está falando da invisibilidade do papel das mulheres na agricultura porque agricultura não é vista como um trabalho feminino, o agricultor no Brasil é homem, o senso comum julga assim. A agricultura passa a ser uma coisa masculina, quando deixa de ter como objetivo fundamental a produção de alimentos (autoconsumo) mas sim o ganho de capital (vender e lucrar), aí passa a ser dos homens. Na tecnologia conseguimos fazer um parâmetro parecido, onde as tecnologias baratas e menos eficientes são para mulheres, como a enxada, e não tem o mesmo reconhecimento que o trator. Como a história que a Irene comentou: “A enxada é dos pobres, o trator Tobata é dos ricos e o trator maior ainda é do mais rico ainda”. Para as mulheres sobrou essa tecnologia, mas que foi fundamental para elas ampliarem os conhecimentos na agroecologia. Hoje, isso agrega valor à produção das mulheres, por elas não terem chegado na tecnologia dos agrotóxicos, por exemplo. Tem tecnologias que são ruins, por isso, perguntamos: Que tipo de tecnologia? Pra quê? Para quem são essas tecnologias? Quem está ganhando dinheiro com essa tecnologia? Agricultores ou empresas? Essas são reflexões importantes para se fazer também: tem muita gente usando e comprando tecnologias, as empresas ficam cada vez mais ricas. A gente tem que pensar na redução de custos dessas tecnologias.

Outro exemplo é quando a produção principal da propriedade, fica na responsabilidade dos homens e também é mais tecnificada. Mas quando não é produção principal é de responsabilidade das mulheres. Então a tecnologia para as mulheres tem a ver com o papel que a sociedade acha que a mulher deve desempenhar. O trabalho das mulheres, mesmo na agricultura, se aproxima mais do trabalho de cuidados do que do trabalho dito produtivo. Quando refletimos assim percebemos a desigualdades.

A princípio as mulheres não veem isso, mas conforme vamos perguntando e conversando, elas se dão conta que existe esse padrão e ele é desigual. A gente percebe as mulheres excluídas das tecnologias que precisam de maior investimento, como também das políticas públicas que apoiam essas tecnologias. Muitas vezes a pobreza e a falta de investimento para as mulheres acaba fortalecendo a coletividade, porque os projetos das mulheres são coletivos, como as agroindústrias tocadas por mulheres, que são projetos coletivos. Os empreendimentos e tecnologias das mulheres são compartilhados, elas produzem coletivamente e temos que olhar para esses processos. A produção de doces, broas e biscoitos costuma envolver cinco a seis mulheres na produção artesanal. Pensar nessas tecnologias como importantes, fortalece a agroecologia.

A reciclagem e diversidade dos quintais são importantes para percebermos que existem diferenças nos olhares das mulheres e dos homens sobre a forma de construir a agroecologia e se apropriarem das práticas, não por acaso, quando sistematizamos as experiências de agroecologia pelo Brasil, a gente se espantou porque todas as experiências partiam de intervenções femininas. Isso mostra como está muito emaranhado, o modo de produção, com a divisão sexual do trabalho e com a lógica de cuidados e produção para sustento das famílias.

Na sistematização das Cadernetas Agroecológicas, que fizemos na região do nordeste, foram 879 questionários aplicados em seis estados, em 111 municípios, e o que mais nos chocou foi o dado que mostra que os homens que realizam o trabalho doméstico são apenas 2%. As coisas não mudaram. Mesmo com homens querendo mostrar que não são machistas, não é bem assim. Muitos homens tentam demonstrar que são modernos, é o caso dos esquerdomachos, mas na hora do “vamos ver” os trabalhos de cuidados são feitos pelas mulheres.

Trago reflexões, sem conclusões, pra gente pensar. Se a gente olhar para além do patriarcado, pela lente das mulheres, a gente vai fazer pesquisas melhores e perceber que agroecologia é coisa de mulher e que sem feminismo não há agroecologia, como é o lema do GT mulheres da ANA. Porque se a gente não reconhece isso, não financia a produção de mulheres, não cria processos de ATER específica para mulheres, se elas não são atendidas por políticas públicas, não conseguem escoar a produção e não recebem apoio, então a gente não está fortalecendo a agroecologia nos territórios.